



AgEcon SEARCH
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search

<http://ageconsearch.umn.edu>

aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*



O POTENCIAL DO AGRONEGÓCIO NO CEARÁ : A SUSTENTABILIDADE DAS EXPORTAÇÕES DO ABACAXI

WILTON FREITAS; AIRTON SABOYA VALENTE;

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

FORTALEZA - CE - BRASIL

wltnfreitas@yahoo.com.br

APRESENTAÇÃO SEM PRESENÇA DE DEBATEDOR

COMÉRCIO INTERNACIONAL

O POTENCIAL DO AGRONEGÓCIO NO CEARÁ: A SUSTENTABILIDADE DAS EXPORTAÇÕES DO ABACAXI

Grupo de Pesquisa: Comércio Internacional.

1 INTRODUÇÃO

Fazer parte do seleto grupo de países desenvolvidos é uma meta que vem sendo perseguida por diferentes nações. Contudo, a concretização desse objetivo requer a elaboração e implantação de políticas propulsoras do crescimento sustentável. Considerando que os recursos são escassos, e tendo em vista as limitações de porte e escala dos mercados internos para se atingir o desenvolvimento, faz-se necessário o relacionamento econômico e comercial com outras nações a fim de se ampliar mercados e oportunidades.

Porém, não é a simples participação no processo de internacionalização que garantirá o almejado desenvolvimento nacional. É preciso que governos e organizações estejam preparados para enfrentar os desafios. Exige-se maior capacitação de pessoal, treinamento, motivação, desenvolvimento de tecnologias, políticas cambiais, fontes e condições de financiamento tanto para as exportações quanto para importações, de forma que essas políticas beneficiem, em última instância, os clientes, os quais serão atendidos com produtos de qualidade a preços adequados e cada vez menores.

O comércio exterior brasileiro, apesar das dificuldades e do necessário aperfeiçoamento operacional e administrativo, demonstra que uma cultura direcionada para as exportações contribui para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). De fato, a

importância das exportações na atividade econômica brasileira tem sido representativa. Segundo dados do Ministério da Fazenda e da Indústria, Comércio e Turismo (MDIC), as vendas ao mercado externo registraram 16,1% do PIB em 2004, atingindo o mais alto patamar dos últimos 20 anos, incluindo o período da maxidesvalorização, na década de 1980, quando a relação exportação e PIB chegaram a 14,2%.

Dentre as inúmeras oportunidades para exportação na economia brasileira, destaca-se o agronegócio. Segundo dados do Portal do Agronegócio, esse setor é responsável por 33% do PIB, 42% das exportações totais do país e 37% dos empregos brasileiros. Estima-se que o PIB do setor atingiu a US\$ 180,2 bilhões em 2004 contra US\$ 165,5 bilhões alcançados em 2003. Entre 1998 e 2003, a taxa de crescimento do PIB agropecuário foi de 4,7% ao ano. Em 2004, as vendas externas de produtos agropecuários renderam ao Brasil US\$ 36,0 bilhões, com superávit líquido de US\$ 25,8 bilhões.

Um dos destaques do agronegócio brasileiro diz respeito à fruticultura. Atualmente, segundo dados do Anuário de Comércio Exterior - Análise 2005-2006, a fruticultura ocupa a 39ª posição no *ranking* dos produtos exportados na pauta brasileira, com uma participação de 0,2% nas exportações do país, tendo negociado US\$ 370,0 milhões em 2004, representando aumento de 9,5% em relação a 2003, ano em que o Brasil exportou US\$ 338,0 milhões. Da produção total de frutas frescas no país, apenas 2% é destinada para a exportação, conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX) e do Instituto Brasileiro de Frutas (IBRAF), sendo os principais compradores a Holanda (31%), Reino Unido (18%) e Estados Unidos (4%). Para aumentar a participação da fruticultura no mercado externo, os produtores nacionais devem seguir as exigências internacionais de qualidade.

Dados da Secretaria de Agricultura e Pecuária (SEAGRI), apud Baima (2003) indicam que o Ceará exportou em 2004 um total de US\$ 30 milhões em frutas, enquanto que, em 2003, o Estado exportou US\$ 21,3 milhões. Do montante exportado em 2004, o melão participou com US\$ 23 milhões, quando no ano anterior a participação foi de US\$ 18,16 milhões; o abacaxi obteve US\$ 6 milhões em sua primeira exportação regular em 2004, ficando o restante para as demais frutas.

2 O PROBLEMA E SUA IMPORTÂNCIA

Embora os indicadores econômicos do agronegócio, em especial a tendência de crescimento da fruticultura no Brasil, em particular no Ceará, sejam favoráveis, existem questionamentos sobre a sustentabilidade do setor no longo prazo, mais especificamente a longevidade das exportações cearenses do abacaxi.

Ainda que o Ceará possua uma posição geográfica privilegiada e uma situação climática favorável para a produção do abacaxi, os tímidos recursos disponibilizados pelo Governo, a legislação tributária inadequada e os precários mecanismos operativos e administrativos de apoio à exportação constituem-se em entraves para a manutenção do crescimento das exportações.

Além desses obstáculos, o complexo produtor de frutas brasileiro necessita ultrapassar uma série de outras dificuldades, dentre as quais destacam-se a falta de uma política de defesa fitossanitária em âmbito nacional; a carência de infra-estrutura organizada para as frutas, abrangendo transporte e armazéns frigoríficos; os critérios e crédito para comercialização e armazenagem; o sistema tributário de produção, notadamente no que se refere ao Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS) para movimentação entre Estados brasileiros; além da criação ou adoção de um protocolo padrão que possa atestar a qualidade das frutas brasileiras e, por fim, investimentos no *marketing* do

país melhorando o conceito e corrigindo a idiosincrasia entre a imagem percebida e a imagem da realidade brasileira, reforçando dessa forma a Marca Brasil no exterior.

Ante as potencialidades do agronegócio brasileiro, surge o questionamento da sustentabilidade do processo até agora implantado. O abacaxi foi abordado no presente trabalho considerando que essa fruta proporcionou ao Ceará o título de único estado brasileiro com exportação regular para Europa no ano de 2004.

3 PRESSUPOSTOS

Os pressupostos que fundamentaram a presente pesquisa foram:

- a) as expectativas e as projeções dos indicadores econômicos para a cultura do abacaxi (área de plantio, produção, comercialização, consumo, etc.) são crescentes e apontam para um futuro promissor no médio prazo.
- b) as ações do governo, embora necessitem serem mais ambiciosas, ao instituírem programas como o Programa Cearense de Agricultura Irrigada (PROCEAGRI), atração de investimentos externos (AGROPOLOS), os Centros de Capacitação Técnica (CENTEC), entre outros, demonstram um compromisso com o desenvolvimento da fruticultura no Ceará, proporcionando sustentabilidade a fruticultura, inclusive no que se refere à cultura do abacaxi.

4 OBJETIVOS DO ESTUDO

O objetivo do presente trabalho consistiu em apresentar um plano de exportação para a cultura do abacaxi dentro de uma perspectiva mercadológica do agronegócio, tendo em vista o desenvolvimento da fruticultura no Estado do Ceará. Pretendeu-se ainda evidenciar as potencialidades e as inclinações naturais do Brasil para a agricultura; ressaltar a contribuição do agronegócio para economia estadual e nacional; verificar a sustentabilidade da cultura do abacaxi no Ceará voltada para o comércio exterior; apresentar as oportunidades e os entraves para a exportação de frutas a partir do Estado do Ceará; e por fim, detalhar sugestões de políticas para a fruticultura cearense e brasileira.

5 METODOLOGIA

O presente estudo utilizou uma investigação explicativa, uma vez que o principal objetivo foi esclarecer indagações sobre a sustentabilidade da cultura do abacaxi perante o mercado de exportações de frutas tropicais do Ceará. O objetivo do estudo, por sua vez, visa esclarecer quais os fatores que contribuem, e de que forma, para a ocorrência dessa sustentabilidade.

Quanto aos meios, utilizou-se de pesquisa de campo, uma vez que foram aplicadas entrevistas investigativas junto a agências governamentais e junto a empresas exportadoras de abacaxi no Ceará. Realizou-se, também, pesquisa com base em dados secundários. E, por fim, uma pesquisa bibliográfica, pois se usou de um estudo sistematizado com base em material publicado em livros, revistas e artigos.

6 PERFIL ECONÔMICO E COMÉRCIO EXTERIOR NO CEARÁ

O Ceará é a terceira economia do Nordeste brasileiro, superada apenas pelos Estados da Bahia e de Pernambuco. Atualmente, após um longo período de predomínio de

segmento eminentemente agrário, o Ceará vem apresentando crescente processo de industrialização. Conforme Freire (2002, p.50), o Estado vem apresentando bons resultados no crescimento econômico. No período de 1985 a 2000, o Ceará apresentou crescimento de 3,5%, enquanto o Nordeste e o Brasil apresentaram crescimento de 2,9% e 2,3% anuais, respectivamente. No período de 1980 a 2000, o PIB do Estado aumentou a participação em relação ao PIB do Nordeste, passando de 13,0% para 14,4%. Em relação ao Brasil, a participação aumentou de 1,7 % para 1,9 % entre 1980 e 2000.

Ainda segundo Freire (2002) com dados do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), em relação à composição setorial da economia no PIB cearense, o setor terciário manteve a participação de 59,5% entre 1980 e 2000. No que se refere ao setor secundário, no mesmo período, ocorreu aumento na participação de 25,5% para 34,9%. O setor têxtil lidera o desenvolvimento industrial. O pólo de confecção cearense é o segundo maior no ranking nacional em produção e exportação, perdendo apenas para o do Estado de São Paulo. A industrialização se verifica principalmente nas áreas têxtil, de calçados, mobiliário, alimentícia, de mineração, editorial, gráfica e metalúrgica.

A participação da atividade agropecuária no PIB do Ceará reduziu-se nos últimos 20 anos na economia. Assim é que o PIB agropecuário reduziu-se de 15,0% em 1980 para 5,6% em 2000. Porém, a atividade agropecuária ainda é expressiva no Estado. Recentemente a fruticultura vem tomando força e se consolidando como atividade sustentável.

A fim de dar sustentabilidade ao desenvolvimento do Ceará é necessária uma integração dos diversos setores econômicos. Assim, cada setor tem sua importância relativa na composição do PIB do Estado.

Para se ter uma idéia dos valores globais, tomou-se como parâmetro o Produto Interno Bruto (PIB) do ano de 2000, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA), apud Fontenele e Melo (2005), onde o Ceará apresenta 1,89% do PIB nacional e 14,43% do PIB nordestino, enquanto o Nordeste representa 13,09% do PIB do País.

Quando comparando a evolução do PIB e PIB *per capita* de 1985 a 2000, ainda segundo informações do IBGE e IPEA (apud Fontenele e Melo, 2005), fica claro o crescimento da economia cearense num ritmo mais acelerado que o Nordeste e o Brasil. Enquanto o Nordeste apresenta um crescimento do PIB de 2,34% de 1985 a 2000 e o Brasil de 2,86% no mesmo período, o Ceará apresentou um crescimento de 3,55%, refletindo num crescimento do PIB *per capita* de 1,82% para o Ceará, 0,84% para o Nordeste e 1,11% para o Brasil no mesmo período.

Em relação à participação dos setores da economia nos respectivos PIB, pode-se ver, segundo informações de Fontenele e Melo (2005), que a agricultura no Brasil perdeu espaço para os demais setores da economia com um decréscimo de 13,5% no período de 1990 a 2000, enquanto a indústria experimentou um declínio de 7,6% e os serviços, um crescimento de 8,0% no mesmo período. De uma forma mais forte o Nordeste apresentou uma queda de 25,9% da participação da agricultura no PIB da região, enquanto apresentou um suave crescimento na indústria de 0,03% e um crescimento maior nos serviços de 5,5% no período em análise. Já o Ceará apresentou queda drástica da agricultura na participação do PIB em 56,7%, expressou uma queda na indústria de 2,6% e um aumento significativo dos serviços em 16,0% no mesmo período analisado.

Para que o desenvolvimento econômico aconteça são necessários investimentos e modernização em infra-estrutura econômica e social, assim a conjuntura do Estado do Ceará apresenta vários recursos modernos e em vias de modernização.

Conforme Freire (2002, p.29), o Estado é abastecido por uma rede elétrica proveniente do Sistema Hidrelétrico do São Francisco (CHESF) e por Tucuruí, que é

distribuída pela Companhia Elétrica do Ceará (COELCE). O consumo no Estado em 2000 foi de 5.874 Gwh. O Estado realiza grandes projetos de investimento no setor como: construção do gasoduto Guamaré-Fortaleza-Pecém para o fornecimento de gás natural; desenvolvimento do parque eólico em Camocim e Paracuru com capacidade de energia de 30 megawatts; construção de duas termelétricas no Complexo Portuário do Pecém com capacidade de 577 megawatts.

A infra-estrutura de transporte é constituída por transportes rodoviários, aéreos, marítimos e ferroviários. Pelo estudo de Freire (2002, p. 30), o sistema rodoviário conta com 52.307 km de rodovias interligando os municípios do Estado aos demais Estados e regiões do país. Já o transporte aéreo conta com o Aeroporto Internacional Pinto Martins como principal estação do Estado, e mais nove aeroportos regionais e 60 aeródromos que movimentam o fluxo local e regional.

O transporte marítimo conta com dois grandes portos. Segundo dados da Cia. Docas do Ceará, o Porto do Mucuripe recebe navios de até 10 metros de calado, tendo capacidade de operar com granéis sólidos e líquidos, contando em sua infra-estrutura física com cinco armazéns de 6.000 m² cada e 11 pátios descobertos. O Porto do Pecém, conforme dados do Ceará Portos, permite atracação de até 16 metros de calado e oferece os menores custos de operação portuária do País; tem capacidade para 12 milhões de toneladas/ano, dois *piers* de atracação, um para produtos siderúrgicos e outro para granéis líquidos; conta com quebra-mar de proteção e complexo portuário que atenderá as indústrias a se instalarem na região. No total das exportações de frutas e pescados do país, foi o que mais exportou e gerou uma receita de US\$ 482 milhões pelo embarque de mercadorias em 2004.

O transporte ferroviário é o de menor expressão no estado. Segundo estudo de Freire (2002, p.39), conta com uma malha ferroviária de 1.431 km, onde operam 112 locomotivas, em dois eixos, a linha tronco norte, ligando Fortaleza aos Estados do Piauí e Maranhão, e a linha tronco sul, ligando Fortaleza à Paraíba, além dos ramais do Crato e Maranguape. Conta ainda com transporte de 26.000 passageiros/ano na região metropolitana em dois eixos, o tronco sul (Fortaleza – Pacatuba) e o tronco norte (Fortaleza – Caucaia). O sistema conta com investimentos na conclusão do Metrô de Fortaleza (METROFOR) que atenderá os municípios de Fortaleza, Caucaia, Maracanaú, Maranguape e Pacatuba, com previsão de atendimento a 485 mil passageiros/ano.

O Estado conta com três distritos industriais estruturados, segundo estudo de Freire (2002, p.47), nos municípios de Maracanaú, Sobral e na região do Cariri. Estão sendo implantados 37 minidistritos industriais no interior do Estado com o intuito de fomentar a implantação de pequenas atividades produtivas como alternativa de geração de ocupação e renda, os quais serão instalados em áreas com disponibilidade de acesso viário, de telecomunicações, de abastecimento de água, sistema sanitário e energia elétrica. Estará disponível apoio governamental em recursos humanos (gerencial e operacional), financeiros, tecnológicos e mercadológicos.

Quanto aos recursos hídricos, fundamental para o desenvolvimento da agropecuária, segundo dados da Secretaria da Agricultura e Pecuária (SEAGRI), apud Baima 2003), o Ceará dispõe de uma moderna infra-estrutura, com oferta garantida de água, fornecida por um sistema de gestão de águas, com a interligação de bacias hidrográficas e grandes reservatórios. A grande Barragem do Castanhão, por exemplo, possui volume útil de 4,2 bilhões de metros cúbicos, sendo um dos maiores reservatórios de água do Brasil e garantirá oferta permanente de água indispensável em clima semi-árido.

Na realização de suas atividades econômicas, através dos três setores fundamentais e de uma infra-estrutura econômica e social em pleno desenvolvimento, apesar das dificuldades e entraves de ordem conjuntural e estrutural, o Estado do Ceará concretiza

relações comerciais com diversos Estados e Países. Assim, a partir da década de 1990, com o processo de internacionalização das economias de mercado e com a abertura comercial brasileira, o Ceará começou a desenvolver suas potencialidades para atender os mercados externos.

Conforme estudo de Fontenele e Melo (2005, p.71), de 1993 a 1996 o saldo da balança comercial do Ceará, que apresentava resultados negativos neste período, mostrou um resultado declinante relevante de quatro vezes, passando de US\$ -113.132 para US\$ -433,037. A partir de 1997 até 2002, com saldo de US\$ -328.864 e US\$ -92.008, respectivamente, observa-se um crescimento de quase cinco vezes. O ano importante que marcou um direcionamento positivo foi o ano de 2001, quando houve uma variação entre o aumento das exportações e o decréscimo das importações em medida desproporcional, favorecendo o saldo da balança comercial cearense. Essa mudança de rumo deve-se, em parte, pela modificação na composição da pauta de exportações. De 1992 a 2004, os produtos básicos de baixo valor agregado caíram 41% em sua participação enquanto os produtos industrializados aumentaram 56%. Os manufaturados responderam por um incremento de 74% dos produtos da indústria.

Sob o prisma nacional, continuam Fontenele e Melo (2005, p.73), as exportações do Ceará estão centradas nos bens de consumo. Em 2003, esse setor respondeu por 60% das exportações, principalmente dos bens de consumo não-duráveis. Já o setor de bens intermediários (insumos industriais) mostra significativa importância com quase 35% no mesmo ano.

Na percepção de Galvão e Vergolino (2004, p.208), o bom desempenho da economia do Ceará deveu-se inicialmente pela forte transformação do aparelho produtivo do Estado, em consequência dos esforços de agentes privados, que mudaram suas estratégias focando tanto o mercado interno quanto o externo, e, em seguida, pelo fato da mudança na pauta de exportações, mostrando um desempenho positivo nos últimos anos.

Os resultados das exportações do Ceará nos últimos anos registraram um crescimento de 39,9% em 2003 e de 12,9 em 2004. De acordo com dados da Secretaria do Desenvolvimento Econômico do Ceará (SDE), apud Accioly et al. (2005), o Estado colocou-se em 14º no *rank* nacional e em 3º no *rank* nordestino. Liderando os produtos, encontram-se os produtos manufaturados e semimanufaturados, com os calçados na 1ª posição dessa pauta.

O abacaxi, objeto de interesse da presente pesquisa, encontra-se dentro da pauta de exportações das frutas, que, por sua vez, merece destaque como oitavo produto da pauta de exportação, gerando uma receita de US\$ 25 milhões, com um incremento de receita de 15,2% e 6,3% em volume em relação ao ano de 2003. Segundo a SDE, a fruticultura é um dos mais importantes itens do agronegócio do Estado, com destaque para o melão que movimentou US\$ 16,7 milhões, o abacaxi com US\$ 3,6 milhões, a melancia com US\$ 1,2 milhões, entre outros.

Segundo dados da SEAGRI / Gerência de Fruticultura, apud Accioly et al. (2004, p.8), o setor de frutas projeta para os anos de 2006 e 2010, conforme informações das principais lideranças do setor, uma expectativa de exportar US\$ 50.188 mil e US\$ 127.002 mil, respectivamente. Espera-se, ainda, empregar diretamente 24.730 pessoas em 2006 e 34.990 pessoas em 2010.

7 VANTAGENS COMPETITIVAS DA FRUTICULTURA CEARENSE

Segundo dados do IBGE (2005), o Estado do Ceará possui uma área de aproximadamente 150 mil km², compreendendo 9,4% da área pertencente à Região Nordeste do Brasil. Nos diversos sub-espacos do Ceará, as temperaturas médias são de 22,8°C, nas

serras e planaltos úmidos, de 26°C, no litoral, de 28°C, no interior (sertão). No Estado como um todo, a média de temperatura é de 26°C, com pequenas variações.

Informações da SEAGRI, apud Baima (2003) afirmam que o Ceará possui favoráveis condições naturais de produção tais como baixa nebulosidade, alta luminosidade natural, temperatura alta e constante, baixa umidade do ar, baixa precipitação natural, solos francos, ausência de neblina e granizo, que, associados à disponibilidade localizada de água para irrigação, permite maior velocidade no desenvolvimento dos cultivos, melhor qualidade dos produtos, maior produtividade e menor ataque de pragas e doenças.

Ainda segundo a SEAGRI, apud Baima (2003), uma das vantagens comerciais do Ceará está relacionada à equidistância geográfica dos grandes centros mundiais de importação e consumo, como a América do Norte, Europa e o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL). Os portos do Ceará (Mucuripe e Pecém) são a última parada dos navios de todas as grandes companhias marítimas que fazem transporte das exportações de frutas do Brasil, favorecendo a logística dos produtos locais.

Tendo a agricultura irrigada como fator estratégico para produção de frutas no Estado, segundo informações da SEAGRI, apud Baima (2003), as principais obras de infra-estruturas específicas desenvolvidas para o fortalecimento da agricultura no estado do Ceará foram:

- a) PROCEAGRI: Programa Cearense de Agricultura Irrigada, do qual resultou as ações para o desenvolvimento do setor.
- b) AGROPOLOS: zoneamento das regiões com maiores potencialidades para a agricultura irrigada no Estado, onde foram focadas as principais políticas para a exploração sustentável do setor produtivo.
- c) PRIORIDADE: elegeram-se, com base em análise de mercado, as seis frutas com maior potencial (sem descartar outras possibilidades) – abacaxi, banana, mamão, manga, melão e uva.
- d) PROJETOS DE IRRIGAÇÃO: os modernos e arrojados projetos de irrigação, estruturados pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) em parceria com o Governo do Estado, constituem um item à parte dentro do processo de vitalização da agricultura irrigada no Ceará.
- e) PORTO DE PECÉM: moderno porto de custos operacionais competitivos e próximos dos principais mercados consumidores mundiais (Europa e Estados Unidos), sendo, atualmente, o porto com maior embarque de frutas do Brasil.
- f) CASTANHÃO: associado ao Canal da Integração, ampliou em 40% a disponibilidade de água para a agricultura irrigada, dando sustentabilidade na oferta de água aos principais projetos de irrigação do Estado.
- g) CENTEC: Centros de Formação Tecnológica que atuam formando profissionais e prestando serviços de apoio técnico aos produtores e exportadores, com unidades distribuídas no interior do Estado, formando uma rede de 43 unidades.
- h) ATRAÇÃO DE INVESTIMENTOS: como políticas de desenvolvimento do Estado, estão sendo atraídos investidores para atuar no setor da fruticultura competitiva e, para dinamizar esta estratégia, foi criado o Instituto Agropolos, que tem atuado decisivamente na atração destes investidores e na concretização dos negócios.
- i) APOIO TÉCNICO: formatação do sistema de certificação de mamão para os Estados Unidos (Sistema Approach), apoio à Produção Integrada de Frutas – PIF, coordenado pela EMBRAPA, e criação e manutenção da área livre de mosca das frutas, com a parceria da UNIVALE/DFA-CE/EMBRAPA. A Área

livre de mosca das frutas no Ceará foi reconhecida pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA em 2003, abrangendo sete municípios (Aracati, Icapuí, Itaiçaba, Jaguaruana, Russas, Quixeré e Limoeiro do Norte) da Região do Baixo Jaguaribe, a maior região produtora do Ceará. Esta certificação é fundamental para melhorar a competitividade das exportações de frutas e hortaliças do Ceará, principalmente para os Estados Unidos.

Os dados da SEAGRI, apud Baima (2003) revelam e apontam para os resultados e projeções da fruticultura no Ceará a seguir, em 1999, o Ceará cultivou 18,0 mil hectares de frutas, enquanto que, em 2003, o Ceará passou a cultivar 26,7 mil hectares, registrando incremento de 48,3% nesse período e ampliando em 8,7 mil hectares a área irrigada de frutas. As projeções indicam uma área de 46,8 mil hectares cultivados em 2007 e 50,8 mil hectares até 2010, correspondendo a um aumento de 182,2% no período ou cerca de 15,0% ao ano.

8 MERCADO PARA O ABACAXI

Com uma produção mundial de cerca 13 milhões de toneladas, segundo informações da *Food and Agricultural Organization* – FAO, apud Agriannual 2005, o abacaxi ocupa lugar de destaque entre as principais frutas tropicais comercializadas internacionalmente. O Brasil, com uma produção superior a 2,8 milhões de toneladas, conforme dados do Agriannual 2005, é o segundo produtor mundial, sendo superado apenas pela Tailândia. Apesar de sua importância como grande produtor mundial, o Brasil tem participação inexpressiva no mercado internacional dessa fruta. Praticamente, toda a produção nacional é comercializada no mercado interno com uma pequena parcela, estimada em 1% da produção nacional, sendo exportada.

O mercado mundial de abacaxi compra 1,4 milhões de toneladas por ano ou o equivalente a US\$ 620,3 milhões, conforme levantamento da *Food and Agricultural Organization of the United Nations* - FAO de 2002, apud Agriannual 2005. A Tailândia, em 2003, foi o maior produtor mundial de abacaxi com 1,7 milhão de toneladas. Logo a seguir, com um volume bastante próximo, aparece as Filipinas com 1,6 milhão de toneladas e o Brasil com 1,4 milhão de toneladas, em seqüência, China, Índia, Nigéria e Costa Rica. Os maiores exportadores de abacaxi no mundo são Costa Rica, Filipinas e Costa do Marfim. Os maiores importadores são Estados Unidos, França e Japão. Para o Ceará, segundo informações obtidas em entrevistas a SEAGRI e empresa Del Monte, apud Freitas (2006), os principais concorrentes são Costa Rica, Havaí e Filipinas.

No Brasil, o Pará concentra a maior produção, com cerca de 570 mil toneladas em 2004, seguido de Minas Gerais, com 540 mil, Paraíba, com 482 mil e Bahia, com 210 mil toneladas. O Ceará produziu no mesmo período 16 mil toneladas (Agriannual, 2005).

Segundo Ximenes, apud Freitas (2006), o Ceará é o pioneiro na plantação da variedade MD2 no Brasil, produto de exportação mais aceito no mercado internacional, portanto sem concorrentes nacionais. No que se refere ao abacaxi variedade pérola, os maiores concorrentes do Estado do Ceará são os Estados do Tocantins, Minas Gerais e Paraíba.

Conforme dados da SECEX/DATAFRUTA-IBRAF de 2004, o Ceará foi o maior exportador brasileiro com volume de 12.489 toneladas equivalentes a US\$ 3,5 milhões, seguidos por Minas Gerais (4.590 toneladas), e São Paulo (3.575 toneladas).

No quesito produtividade média das regiões em 2001, o destaque foi o sudeste com 70,8 tonelada. O Centro Oeste e o Nordeste obtiveram produtividades de 48,9 e 47,0 tonelada, respectivamente. A região Centro Oeste, apesar de ter obtido uma produção modesta

(145,5 mil toneladas), possui a segunda maior produtividade entre as regiões do Brasil, segundo levantamento feito no Agrianual 2005.

Conforme informações da SEAGRI, apud Baima (2003), tomando-se como base o ano de 1998, as exportações de frutas frescas no Estado do Ceará somaram US\$ 831 mil, enquanto que em 2003 alcançaram US\$ 21,6 milhões, representando crescimento superior a 2.500% no período. Até 2003 a principal fruta comercializada internacionalmente foi o melão, e a expectativa a partir de 2004 é do abacaxi começar a se destacar. Também merecem registro a melancia, a manga, o mamão e a banana como produtos representativos na pauta de exportação cearense.

Segundo dados da SECEX/MDIC, em 1999, o Ceará participava das exportações brasileiras de frutas frescas com 1,2% e, em 2003, esta participação passou para 6,4%. Enquanto o Brasil espera exportar cerca de US\$ 1,0 bilhão até 2010, o Ceará projeta exportar cerca de US\$ 135 milhões, representando 13,6% das exportações nacionais de frutas frescas.

O ano de 2004 foi um marco nas exportações de abacaxi do Brasil, sendo o Ceará o principal exportador do País e o único exportador brasileiro regular para a Europa na atualidade.

Os dados da SEAGRI (2005) revelam que as exportações cearenses estão sendo realizadas pela empresa Del Monte, que tem 630 hectares plantados no município de Limoeiro do Norte, na região do Baixo Jaguaribe. A empresa exportou US\$ 6 milhões (1,5 milhão de caixas de 18 kg) em 2005. O destino do abacaxi exportado foi a União Européia, destacando-se a Itália, Alemanha, Holanda e Reino Unido. A empresa pretende exportar pelo menos US\$ 10 milhões em 2006 e US\$ 20 milhões (4,5 milhões de caixas de 18 kg) em 2007, com uma área de 2.500 hectares. Segundo Ximenes (apud Freitas, 2006), as empresas Chiquita Brands da Costa Rica e a americana Dole estão se instalando no Ceará para produção e exportação do abacaxi tipo MD2.

Entre os 12 agronegócios cearenses com maior potencialidade (Castanha d Caju, Peles e Couro, Camarões, Lagostas, Frutas, Cera de Carnaúba, Mel de Abelha, Suco de Frutas, Extratos Vegetais, flores, Peixes e Pimenta), nos quais o Ceará é reconhecidamente competitivo, destacando-se no cenário regional e nacional, as frutas já representam o quinto agronegócio cearense.

9 A CADEIA PRODUTIVA DO ABACAXI

Estudos modernos propõem a caracterização dos produtos sob uma ótica holística, ou seja, através de uma visão sistêmica a fim de se obter maior compreensão do assunto. Assim, é importante ressaltar a cadeia produtiva do agronegócio.

Os componentes mais comuns de uma típica cadeia produtiva do agronegócio, a exemplo de frutas, são representados pelos fornecedores de insumos para a produção primária (adubos, defensivos, máquinas, implementos e outros serviços); as propriedades agropecuárias ou agrofloretais, com seus diversos sistemas produtivos; o sistema de transporte e logística; a indústria de processamento e/ou de transformação do produto; os fornecedores de embalagem e insumos para a indústria; a rede de atacadistas e de varejistas; o mercado consumidor, composto pelos indivíduos que consomem o produto final.

Além desses componentes, é preciso destacar a importância dos ambientes externos como elementos apoiadores que normatizam, disciplinam e direcionam a cadeia produtiva, promovendo pesquisa, desenvolvimento tecnológico e atuando como fontes de financiamento a todo o conjunto, ou seja, o ambiente institucional, composto por entidades governamentais reguladoras e disciplinadoras tais como o Ministério da Agricultura, a Secretaria de Agricultura e Pecuária, a Secretaria da Agricultura Irrigada, Secretaria de

Gestão de Recursos Hídricos, etc.; e o ambiente organizacional, composto por entidades de pesquisa, assistência técnica, bancos, associações, sindicatos, cooperativas, etc.

O objetivo final de uma cadeia produtiva é abastecer o consumidor final de produtos e serviços em quantidade e qualidade compatíveis com suas necessidades a preços acessíveis. Assim, a influência do consumidor final sobre os demais componentes da cadeia é muito importante, daí a necessidade de se conhecer as demandas desse elo, para garantir o melhor desempenho da cadeia produtiva. A Figura 1 ilustra a cadeia produtiva da fruticultura.

Conforme Ximenes, apud Freitas (2006) no Ceará, a empresa Del Monte Fresh Fruit, é a única empresa, no momento, que trabalha com a exportação do abacaxi e tem um mercado exclusivo, a Comunidade Européia, onde essa empresa é a produtora e comercializadora de seus produtos. Porém, duas outras empresas multinacionais, a Chiquita Brands e a Dole estão sendo instaladas no Ceará para a produção de abacaxi MD2, com produção e comercialização próprias. Essas informações são confirmadas por Assunção, Gerente Jurídico e de Relações Corporativas da Fresh Del Monte do Brasil, (apud Freitas, 2006).

Ximenes, apud Freitas (2006) revela, ainda, que não existe programa do Governo do Estado voltado para o incentivo à internacionalização de pequenos produtores, inclusive no que se refere ao abacaxi, uma vez que a variedade Pérola, tipo de produto produzido e comercializado no mercado interno pelos pequenos produtores, ainda não é suficientemente conhecida no mercado externo.

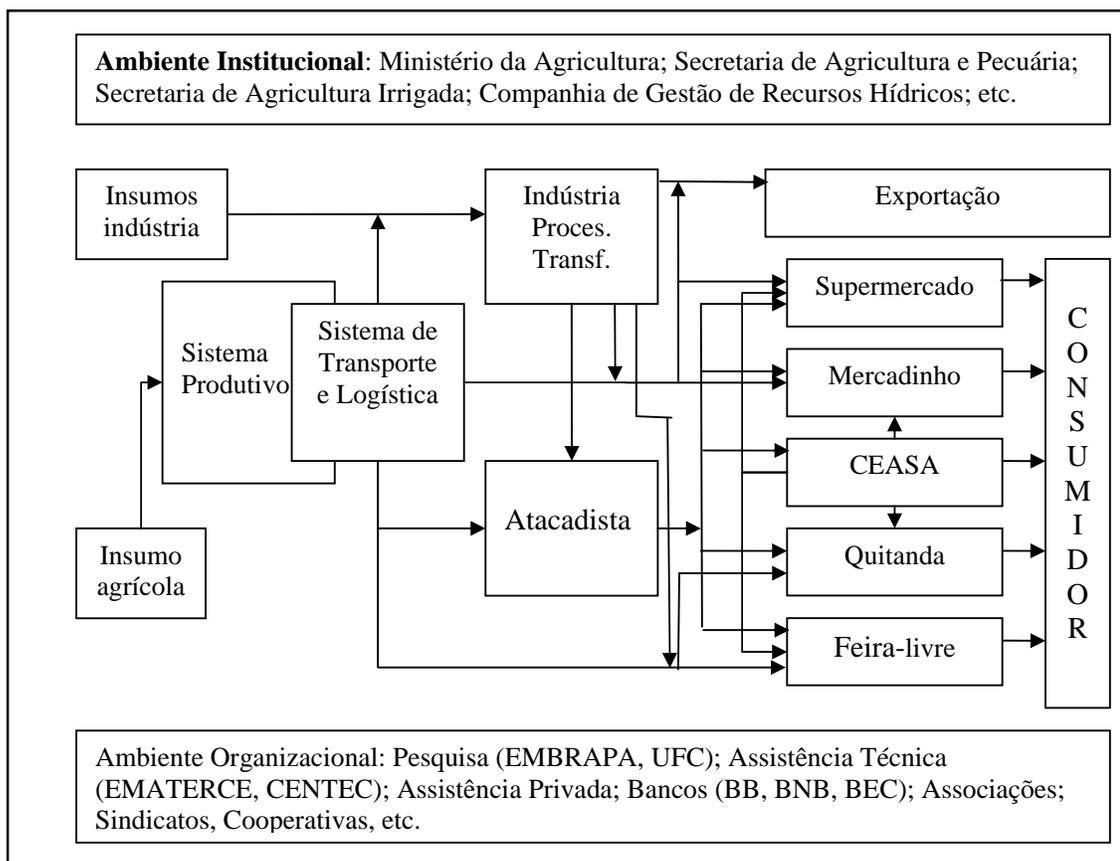


Figura 1: Diagrama da Cadeia Produtiva da Fruticultura.

Fonte: adaptado de Custódio et al. (Análise da Cadeia Produtiva da Banana no Estado do Ceará)

10 OS CUSTOS DE PRODUÇÃO DO ABACAXI

Para uma eficiente administração de um empreendimento, faz-se necessário quantificar os desembolsos e as entradas monetárias, de forma a se avaliar a viabilidade econômica de um negócio.

Conforme dados da SEAGRI (2005), especificados no anexo A, para a produção do abacaxi no Estado do Ceará, considerando-se a variedade Pérola, produzida na região do Baixo Acaraú, em um plantio cujo espaçamento é de 0,8m x 0,3m, utilizando-se irrigação do tipo microaspersão e uma densidade de 41.667 plantas/ha, identificou-se os custos detalhados a seguir.

Como custos diretos: os insumos, a mecanização e a mão-de-obra, representam 82,2% dos custos totais.

Como custos indiretos: os custos de administração, os equipamentos de irrigação e os juros sobre custeio, representam 17,8% dos custos totais.

Assim, os custos totais por hectare plantado, em valores orçados em maio de 2005, representam R\$ 12.019,49 por hectare, sendo R\$ 9.880,87 custos variáveis e R\$ 2.138,62 custos fixos.

Os dados contidos no anexo A demonstram uma produtividade/Safra, em um espaço temporal de 1,5 anos, cujo rendimento foi classificado em frutos de primeira qualidade, representando 70% da colheita, totalizando 28.000 unidades/hectare, e frutos de segunda qualidade, que representam 30% da colheita, totalizando 12.000 unidades/hectare, perfazendo um total de 40.000 unidades por hectare, o equivalente a 52.000 kg/ha.

A rentabilidade, conforme anexo A, por safra, referente aos resultados que possibilitam a análise do retorno sobre o investimento realizado, revelou que:

- a) o preço médio no período de 1995 a 2002 foi de R\$ 0,71/kg (CEASA/CE), sendo R\$ 0,43/kg (preço no atacado) para o valor da produção de frutos de primeira qualidade e R\$ 0,28/kg (preço no atacado) para o valor da produção de frutos de segunda qualidade, revelando um Valor Bruto da Produção (VBP) de R\$ 19.936,80 (para cada tonelada/ha/1,5 anos), equivalente a R\$ 0,50 por unidade.
- b) as despesas que foram orçadas em R\$ 12.019,49 (para cada tonelada/ha/1,5 anos), equivalem a R\$ 0,30 por unidade.
- c) a Receita Líquida foi orçada em R\$ 7.917,31, equivalente a R\$ 0,20 por unidade.
- d) a Taxa de Retorno foi calculada em 39,7%.
- e) o Ponto de Equilíbrio foi de R\$ 0,23/unidade.

Economicamente, portanto, a cultura do abacaxi é viável. Como visto, a cultura gera preços médios bem acima do Ponto de Equilíbrio, o que indica possibilidade de lucro. No que se refere à taxa de retorno de 39,7% reflete uma eficiência marginal do capital uma vez que está acima do custo de oportunidade do capital, ou seja, acima das taxas de juros praticadas no mercado financeiro. Ademais, as receitas superam os custos.

Além disso, a abacaxicultura apresenta aspectos sociais relevantes, pois gera empregos diretos e indiretos. A título de ilustração, a perspectiva da empresa Del Monte, até o ano de 2007, conforme informação da SEAGRI (2005), é expandir a área de cultivo para 2,5 mil hectares, aumentando o volume de exportação para 4,5 milhões de caixas de 18 kg, o que corresponderia a negócios da ordem de US\$ 20 milhões. No mesmo intervalo, os empregos gerados deverão evoluir dos atuais 600 para 2 mil postos diretos de trabalho.

11 LOGÍSTICA PARA EXPORTAÇÃO DO ABACAXI

Segundo Gonçalves e Carvalho (2002), ao serem colhidos, os abacaxis são levados a galpões, ocasião em que são selecionados quanto à qualidade e sanidade, classificados por tamanho e peso de acordo com o destinatário. Após tratamento contra podridões, são embalados em caixas de papelão ou de madeira (520 mm x 290 mm x 290 mm) para exportação para mercados ou indústrias.

Conforme informação da SEAGRI (2005), a empresa Del Monte exportou, em 2004, 1,5 milhão de caixas de 18 kg de abacaxi MD2 para Europa, tendo a expectativa de exportar 4,5 milhões de caixas de 18 kg até 2007.

Assunção, apud Freitas (2006) revela que a Del Monte no Estado do Ceará faz seleção do abacaxi manualmente em processo de escoamento em esteira mecanizada, embalado em caixas de papelão e transportado em caminhões refrigerados, próprios ou de terceiros, ao porto e em seguida em navios portas-contêner com destino para a Europa.

No transporte para o exterior, conforme Gonçalves e Carvalho (2002), os porões dos navios devem estar com 85 - 90% de umidade e 8 - 12°C de temperatura em seu ambiente.

12 BARREIRAS ÀS EXPORTAÇÕES DO ABACAXI

As exportações do abacaxi brasileiro vêm crescendo nos últimos anos tanto para os Estados Unidos quanto para a União Européia. O Ceará vem se destacando nos últimos anos, inclusive assumindo a liderança, na exportação desta fruta, principalmente para a Europa.

No entanto, o exportador deve ficar atento tanto para as exigências do mercado quanto para as barreiras na colocação dos produtos no mercado-alvo.

Os principais entraves enfrentados pelo exportador brasileiro nas negociações com o mercado internacional, conforme pesquisa de Nachreiner et al. (2003), são:

- a) barreiras fitossanitárias e legislativas dos países importadores;
- b) falta de uma política de defesa fitossanitária de âmbito nacional;
- c) qualidade inadequada para atender as exigências dos compradores;
- d) carência de infra-estrutura organizada, que abranja crédito para comercialização e para armazenagem do produto;
- e) entrada de agentes pouco gabaritados, que comprometem a credibilidade do setor nacional frente ao comprador;
- f) ausência de contratos pré-estabelecidos entre exportador e importador;
- g) fraca atuação dos agentes governamentais junto aos órgãos internacionais na defesa do produto nacional;
- h) pouca divulgação das frutas tropicais nos países de clima frio;
- i) acordos informais que prejudicam as exportações brasileiras.

Segundo o Anuário de Comércio Exterior - Análise (2005-2006), as principais barreiras e os desafios à fruticultura voltados ao mercado internacional são:

- a) a União Européia impõe tarifas sobre o melão, a melancia e a banana brasileira, enquanto concorrentes, como Honduras, Colômbia, Equador e Peru, estão isentos;

- b) o mercado japonês exige o cumprimento de uma série de normas fitossanitárias extremamente rigorosas; foram precisos 40 anos de negociação para que aceitasse as mangas brasileiras naquele mercado;
- c) os Estados Unidos proíbem a entrada de várias frutas brasileiras, entre as quais o mamão e as frutas cítricas, alegando problemas fitossanitários.

No caso das exportações cearenses do abacaxi, Assunção (apud Freitas, 2006) revela que as principais dificuldades no exterior são as exigências de qualidade, o que demanda do produtor grande atenção às novas regras internacionais. Quanto as barreiras brasileiras, o que mais dificulta são os entraves burocráticos, em especial a liberação alfandegária.

No que se refere aos pequenos produtores, que produzem e comercializam a variedade Pérola, a falta de conhecimento deste tipo de abacaxi no mercado internacional inviabiliza as exportações, conforme se verifica na entrevista respondida por Ximenes (apud Freitas, 2006).

13 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES DE POLÍTICAS

O crescimento do mercado mundial de frutas frescas tem sido acelerado, sendo bastante influenciado por políticas públicas nos principais países importadores, além da intensa concorrência. A competitividade internacional está fortemente determinada por sistemas de comercialização eficientes, resultado de ações públicas e privadas combinadas em doses variáveis. O Brasil vem paulatinamente estruturando tais sistemas, o que contribui para a melhoria de seu baixo desempenho exportador.

A fruticultura brasileira, para se tornar uma atividade exportadora importante, necessita de políticas públicas que permitam a constituição de uma cadeia produtiva que tenha infra-estrutura e mecanismos de comercialização que atendam exigências dos mercados interno e externo e realmente possa concretizar sua potencialidade. O setor privado necessita, por sua vez, investir em pesquisas e adotar modernas tecnologias de plantio a fim de melhorar a rentabilidade e a qualidade dos produtos, principalmente seguindo a tendência moderna do consumo de produtos orgânicos ecologicamente cultivados com mínima utilização de componentes agrotóxicos.

No Ceará, o uso da agricultura irrigada vem mudando a realidade da economia no Estado. Com o apoio do Governo do Estado, empresários estão investindo na modernização e no desenvolvimento de programas de produção integrada, a fim de diversificar suas atividades, agregar valor aos seus produtos e, conseqüentemente, obter lucros superiores aos registrados quando não havia a utilização de tecnologia avançada.

Conforme apresentado, os programas governamentais capazes de fomentar o desenvolvimento e a atração de investidores como o PROCEAGRI, AGROPOLOS, os CENTECs assim como a definição de prioridades para o agronegócio, selecionando as principais potencialidades no mercado de frutas (abacaxi, banana, mamão, manga, melão e uva), estão consubstanciando os indicadores da economia cearense, mostrando avanços tanto em área cultivadas quanto em desempenho econômico, obtendo um crescimento de 2.500% nas exportações de frutas frescas no período de 1998 a 2003.

A Tabela 1 mostra os principais indicadores da fruticultura irrigada no Ceará no período de 1999 a 2003, com projeções para 2010. Percebe-se que há uma expectativa de crescimento médio de 282% da área irrigada no período; crescimento de 450% na quantidade produzida; crescimento de 860% do Valor Bruto Produzido, incremento de 371% na oferta de emprego e de 6.980% em valores monetários nas exportações.

Tabela 1: Indicadores da fruticultura irrigada

CEARÁ - PRICIPAIS INDICADORES DA FRUTICULTURA IRRIGADA						
INDICADORES	1999	2003	2004	2007	2010	Var. %
Área Cultivada (ha)	18.044	26.739	30.900	46.800	50.800	282%
Produção (1.000 t/ano)	444	751	893	1.550	2.000	450%
Valor da Produção - VBP (R\$ mil)	85.692	186.299	239.900	527.000	737.000	860%
Empregos Diretos	9.979	17.063	20.350	32.920	37.000	371%
Exportações (US\$ mil)	1.934	21.562	30.400	79.400	135.000	6980%

FONTE: adaptado da SIGA/SEAGRI

Assim, atendendo aos objetivos iniciais, foi traçado um plano de exportação para a cultura do abacaxi, no qual foram detalhadas as principais questões relativas ao mercado, as potencialidades produtivas no Estado do Ceará e o seu perfil econômico. Mostrou-se, também, pontos relativos a custos, logísticas e barreiras a exportação para a abacaxicultura.

Ademais, ficou evidenciado, através dos diversos órgãos que lidam com a exportação e o agronegócio, que o Ceará e o Brasil possuem inclinações e potencial natural para a produção de fruticultura, dentre as quais se destaca a cultura do abacaxi.

De outra forma, também, ficou clara a importância do agronegócio para a economia do Ceará e do Brasil, uma vez que o agronegócio contribui com 3,6% e 2,9% dos seus respectivos PIB, movimentando considerável quantidade de recursos na economia, além de contribuir de forma significativa na geração de emprego e renda.

Conclui-se, também, que a exportação do abacaxi no Ceará é sustentável desde que utilize irrigação e técnicas adequadas de manejo e conservação do solo, associadas à melhoria na infra-estrutura hídrica, escoamento portuário, rodoviário, aéreo ou ferroviário e melhores condições de financiamento. A produção do abacaxi demonstra potencialidade para a exportação, uma vez que em 2004 foi responsável por US\$ 6 milhões em exportações, elevando o Ceará a condição de maior exportador de frutas frescas do Brasil, com perspectiva de exportar US\$ 20 milhões até 2007.

Em relação às oportunidades de exportações de frutas a partir do Estado do Ceará, conclui-se que há um mercado internacional bastante promissor, uma vez que o mercado mundial, conforme visto anteriormente, compra 1,4 milhões de toneladas de frutas frescas, movimentando cerca de US\$ 620 bilhões por ano. Relativamente aos entraves, é necessário aperfeiçoamento tecnológico, principalmente para os pequenos e médios produtores, a fim de melhorar a qualidade, bem como melhorar os processos administrativos e tributários, dando mais agilidade e viabilizando as exportações.

A atual prioridade do Estado do Ceará para o abacaxi não é o pequeno produtor e sim a atração de grandes empresas multinacionais possuidoras de mercado garantido no exterior. Se, por um lado, atrai divisas para o Estado, por outro concentra essa atividade a um grupo bastante restrito. É necessário, portanto, uma política que possa atender um espectro maior de produtores, o que poderia gerar maior quantidade de emprego e renda.

A cultura do abacaxi no Estado do Ceará necessita ainda de pesquisas rurais, o que fomentaria a geração e implementação de novas tecnologias garantindo maior produtividade e reduzindo custos, o que levaria a formação de melhores preços no mercado.

Economicamente, o abacaxi tipo Pérola, plantado pelos pequenos produtores do Estado, é uma cultura sustentável. Mesmo com tecnologia de irrigação, poda, adubação corretas e mudas selecionadas incorporadas, pode-se obter uma margem bruta de R\$ 7.917,31 por hectare, uma vez que gera despesas de R\$ 12.019,49 com uma produtividade de 52 toneladas por hectare e um valor bruto de produção de R\$ 19.936,80.

Como a prioridade do Estado do Ceará não é o pequeno produtor, a concessão de crédito rural a esse segmento da cadeia produtiva é o maior entrave a se vencer.

As políticas governamentais voltadas para a cultura do abacaxi, no Ceará, poderiam priorizar o pequeno produtor, o que seria social e economicamente desejável, aumentando a produção e o nível de emprego e renda do Estado.

Logo, recomenda-se o aperfeiçoamento das seguintes políticas:

- a) usar tecnologias avançadas modernizando as lavouras;
- b) aumentar produtividade das áreas já plantadas;
- c) criar integração entre a base produtiva agrícola e a agroindústria local e regional, fortalecendo os elos da cadeia produtiva, de forma a absorver a safra utilizando os frutos de segunda qualidade;
- d) desenvolver novas tecnologias, inclusive com a participação de recursos dos próprios produtores com capacidade de remunerar capital de terceiros nos financiamentos;
- e) estabelecer programa de conscientização do pequeno e médio produtor para o cumprimento das exigências do mercado interno e externo, como, por exemplo, adoção de modelo de gestão de acordo com o Programa Integrado de Frutas (PIF);
- f) criar mecanismos de divulgação internacional das propriedades e características do abacaxi tipo Pérola, inclusive nos seus aspectos organolépticos, abrindo as portas dessa cultivar ao mercado europeu e americano;
- g) fomentar a cultura associativa dos pequenos produtores, a fim de melhor organizar o setor, promovendo o conhecimento dos aspectos comerciais e das regras do mercado de frutas;
- h) promover capacitação tecnológica e de gestão dos pequenos produtores;
- i) criar linhas de crédito, reduzindo o grau de endividamento dos pequenos produtores de modo a viabilizar seu acesso a créditos e financiamentos.

Assim, conclui-se a presente pesquisa em que fica evidenciado o potencial do agronegócio cearense, ressaltando a sustentabilidade da cultura do abacaxi.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACCIOLY, Elza Maria Goersch; CAMPÊLO, Francisca Marta; ROCHA, Maria Eloisa Bezerra da; BARBOSA Rogério. **Boletim do comércio exterior – 2004**. Fortaleza: Secretaria do desenvolvimento econômico do Ceará (SDE), 2005. Disponível em: <<http://www.sde.ce.gov.br/>>. Acesso em: 01 dez. 2005.

Agrianual 2005. FNP Consultoria & Agroinformativos. Disponível em: <<http://www.fnp.com.br/prodserv/anuarios/>>. Acesso em: 02 dez. 2005.

Anuário – Análise comércio exterior – 2005-2006. São Paulo: Análise, 2005.

BAIMA, Sérgio. **Fruticultura – Porque investir no Ceará?** Toda Fruta. Fortaleza, 2003. Disponível em: <<http://www.todafruta.com.br/todafruta/institucional.asp>>. Acesso em: 29 mar. 2005.

Características Físicas do Porto: Cia. Docas do Ceará. Fortaleza, 2005. Disponível em: <http://www.docasdoceara.com.br/caracteristicas_fisicas.asp>. Acesso em: 01 dez. 2005.



CUSTÓDIO, João Adriano Lopes; SILVA, Lúcia Maria Ramos; Khan, Ahmad Saeed; LEITE, Lucas Antônio de Sousa. **ANÁLISE DA CADEIA PRODUTIVA DA BANANA NO ESTADO DO CEARÁ**. Banco do Nordeste do Brasil, 2005.

FONTENELE, Ana Maria de Carvalho; MELO, Maria Cristina Pereira. **Desempenho externo recente da região Nordeste do Brasil – Uma avaliação da competitividade e potencialidades de expansão dos setores exportadores estaduais**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2005.

FREIRE, Laura Lúcia Ramos. **Perfil Econômico do Ceará**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2002.

FREITAS, Wilton. **Monografia de Graduação: O Potencial do Agronegócio no Ceará – A sustentabilidade das Exportações do Abacaxi**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2006.

Fruticultura: Síntese – Estatística. Instituto Brasileiro de fruticultura – Ibraf. Disponível em: <<http://www.ibraf.org.br/x-es/f-esta.html>>. Acesso em: 25 nov. 2005.

GALVÃO, Olímpio José de Arroxelas; VERGOLINO, José Raimundo Oliveira. **O comércio e a inserção competitiva no Nordeste no exterior e no Brasil**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S. A., 2004.

GONÇALVES, N. B.; CARVALHO, V. D. **Características da fruta, 2002**. Disponível em: <http://www.todafruta.com.br/todafruta/mostra_conteudo.asp>. Acesso em 15 Abr. 2005.

IBGE. <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 01.12.2005.

Informações Técnicas: complexo industrial e portuário do Pecém. Fortaleza, 2005. Disponível em: <<http://www.cearaportos.ce.gov.br/informacoesTecnicas.asp>>. Acesso em: 01 dez. 2005.

NACHREINER, Maria Luiza; SANTOS, Renata Romaguera Pereira dos; BOTEON, Margarete. **Janelas de mercado: a fruticultura brasileira no mercado internacional, 2003**. Disponível em: <www.cepea.esalq.usp.br/pdf/janelas.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2005.

Oportunidade de investimentos, Uma. Portal do agronegócio. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <www.portaldoagronegocio.com.br>. Acesso em: 02 nov. 2005.

Anexo A – Custo de produção e análise de rentabilidade de abacaxi.

SEAGRI - SECRETARIA DA AGRICULTURA E PECUÁRIA

SIGA - SISTEMA DE INFORMAÇÃO GERENCIAL AGRÍCOLA

GERÊNCIA DE FRUTICULTURA

CUSTOS DE PRODUÇÃO E ANÁLISE DE RENTABILIDADE DE ABACAXI

VARIEDADE: **Pérola** DATA: **1/5/2005** LOCAL DE REFERÊNCIA: **Baixo Acaraú/CE**

ESPAÇAMENTO: **0,8 m x 0,3 m** IRRIGAÇÃO: **Microaspersão** DENSIDADE: **41.667 plantas/há**

I. CUSTO DE PRODUÇÃO DE 1,0 ha.

Discriminação	Unidade	Quantidade	Vr.Unit.-R\$	Vr.Total - R\$	%
1. INSUMOS ⁽¹⁾		3.846,33		6.248,87	51,99
. Mudas	Milh	45,83	50,00	2.291,67	19,07
. Calcário dolomítico	t	1,0	100,00	100,00	0,83
. Adubo orgânico	t	10,0	60,00	600,00	4,99
. Uréia	Kg.	400,0	1,16	464,00	3,86
. Superfosfato simples	Kg.	200,0	0,84	167,00	1,39
. Cloreto de potássio	Kg.	400,0	1,12	448,00	3,73
. Micronutrientes	Lit.	6,5	1,60	10,40	0,09
. Carbureto de cálcio (ind.. Floral)	Kg.	84,0	1,80	151,20	1,26
. Herbicida	Lit.	4,0	18,50	74,00	0,62
. Formicida	Kg.	3,0	18,50	55,50	0,46
. Inseticida	Lit.	12,0	46,83	561,96	4,68
. Fungicida	Kg.	8,0	52,32	418,54	3,48
. Espalhante adesivo	Lit.	2,0	10,80	21,60	0,18
. Jornal	Kg.	150,0	1,00	150,00	1,25
. Grampos	Cx	4,0	2,50	10,00	0,08
. Água	mil m ³	16,0	25,00	400,00	3,33
. Energia elétrica	Kw/h	2500	0,13	325,00	2,70
2. MECANIZAÇÃO		22,0	300,0	1.100,00	9,15
. Aração	H/M	3,0	50,00	150,00	1,25
. Calagem/estercagem	H/M	2,0	50,00	100,00	0,83
. Gradagem cruzada	H/M	4,0	50,00	200,00	1,66
. Sulcamento	H/M	2,0	50,00	100,00	0,83
. Pulverizações	H/M	3,0	50,00	150,00	1,25
. Transportes (mudas, insumos, colheita)	H/M	8,0	50,00	400,00	3,33
3. MÃO-DE-OBRA	Kg	211,0		2.532,00	21,07
. Aplicação de adubos	D/H	16,0	12,00	192,00	1,60
. Seleção e preparo das mudas	D/H	20,0	12,00	240,00	2,00
. Plantio/replanteio	D/H	18,0	12,00	216,00	1,80
. Aplicação de herbicidas	D/H	3,0	12,00	36,00	0,30
. Manejo de irrigação	D/H	15,0	12,00	180,00	1,50
. Aplicação de defensivos	D/H	8,0	12,00	96,00	0,80
. Amontoa	D/H	12,0	12,00	144,00	1,20
. Capinas	D/H	40,0	12,00	480,00	3,99
. Carburetagem	D/H	5,0	12,00	60,00	0,50
. Cobertura dos frutos com jornal	D/H	24,0	12,00	288,00	2,40

. Colheita/Classificação de frutos	D/H	50,0	12,00	600,00	4,99
SUBTOTAL (Conta de Cultivo)				9.880,87	82,21
Discriminação	Unidade	Quantidade	Vr.Unit.-R\$	Vr.Total - R\$	%
4. CUSTOS DE ADMINISTRAÇÃO (2)		5,0%		494,04	4,11
. Gerenciamento/Adminin.		3,0%		296,43	2,47
. Assistência Técnica		2,0%		197,62	1,64
5. EQUIPAMENTO DE IRRIGAÇÃO (3)		19,50%	4.000,00	780,00	6,49
6. JUROS SOBRE CUSTEIO(4)		8,75%		864,58	7,19
TOTAL (5)			21,64	12.019,49	100,00
Produtividade/safra (1,5 anos)		Frutos de 1ª	70%	28.000	Un/há
		Frutos de 2ª	30%	12.000	Un/há
		TOTAL		40.000	Un/há
				52.000	kg/ha

7. RENTABILIDADE/SAFRA	Preço médio 95 a 2002 CEASA/CE			0,71	R\$/kg
Vr. Produção de frutos de 1ª: 70% (t/ha/1,5 anos)	15.506,40	60%	/Pr. Atacado	0,43	R\$/kg
Vr. Produção de frutos de 2ª: 30% (t/ha/1,5 anos)	4.430,40	40%	/Pr. Atacado	0,28	R\$/kg
Valor Bruto da Produção (VBP) - R\$	19.936,80	0,50	/Un		
Despesa - R\$	12.019,49	0,30	/Un		
Receita líquida - R\$	7.917,31	0,20	/Un		
Taxa de Retorno	39,7%				
Ponto de equilíbrio PREÇO	0,23	R\$/Un	VOLUME	24.115	Un/ha

FONTE: SIGA/SEAGRI

Observações:

-NÍVEL TECNOLÓGICO 1- Sistema de Produção de Alta Tecnologia direcionada para produtores/empresários com áreas e/ou volumes de produção que possibilitem o uso de equipamentos mecanizados, tecnologias de ponta e insumos modernos recomendado pelas pesquisas.

-NÍVEL TECNOLÓGICO 2- Sistema de produção de média a alta tecnologia, com irrigação localizada, direcionado para produtores com áreas e/ou volumes de produção que possibilitem o pouco uso de mecanização, maior emprego de mão de obra e, com gerenciamento.

(1) As quantidades de insumos são valores médios, sendo necessário adequá-los às condições locais e fazer análise de solo.

(2) % calculado sobre a Conta Cultural.

(3) Equipamento de Irrigação: considerou-se a duração média de 10 anos, com 10% de taxa de amortização e 3% de taxa de manutenção ao ano - Valor do equipamento por hectare R\$ 3.000,00.

(4) Juros de custeio: empréstimo ou remuneração de capital próprio (juros médios de 9,5% ao ano, calculado sobre o valor da Conta Cultural).

(5) Custo de Produção Total: Conta cultural + Custo de Administração + Custo de amortização e manutenção do equipamento de irrigação + juros sobre o custeio.

(*) Considerado uma média de 15 meses por safra.